

**“Pede-se tocar nos livros”: diplomacia do livro e relações interamericanas (1938 – 1940)**

Talita Emily Fontes<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo analisa a diplomacia cultural entre Brasil e Estados Unidos durante o contexto de emergência da Segunda Guerra Mundial, com foco nas iniciativas voltadas à circulação de livros e publicações, isto é, a diplomacia do livro. Em particular, analisaremos a execução de projetos como a *Exposição do Livro Norte-Americano Moderno*, realizada no Rio de Janeiro em setembro de 1939; a doação de livros estadunidenses à biblioteca do Instituto Brasil-Estados Unidos, em outubro do mesmo ano; e a *Exposição de Livros Brasileiros*, realizada em Nova Iorque (1940). Esses eventos integram uma complexa e diversificada engrenagem em que a diplomacia interamericana da Boa Vizinhança transita entre o diálogo com projetos nacionalistas brasileiros, a intensificação dos investimentos promovidos pela diplomacia cultural estadunidense e as preocupações crescentes com a escala do conflito que, até então, se concentrava no outro lado do Atlântico.

**Palavras-Chave:** Diplomacia cultural; publicações; relações interamericanas; Política da boa vizinhança.

**"Please touch the books": Inter-American relations and book diplomacy (1938–1940)**

**Abstract:** This article analyzes cultural diplomacy between Brazil and the United States during the emergency context of World War II, focusing on external initiatives related to the circulation of books and publications, that is, book diplomacy. In particular, we will analyze the execution of projects such as the Exhibition of the Modern North American Book, held in Rio de Janeiro in September 1939; the donation of American books to the library of the Brazil-United States Institute, in October of the same year; and the Exhibition of Brazilian Books, held in New York (1940). These events are part of a complex and diverse specialized field in which inter-American Good Neighbor diplomacy moves between dialogue with Brazilian nationalist projects, the intensification of investments promoted by American cultural diplomacy, and growing concerns about the escalation of the conflict that, until then, had been concentrated on the other side of the Atlantic.

**Keywords:** Cultural diplomacy; publications; inter-American relations; Good neighbor policy.

“PEDE-SE TOCAR NOS LIVROS”: DIPLOMACIA DO LIVRO E RELAÇÕES  
INTERAMERICANAS (1938 – 1940)

FONTES, T. E.

### Introdução

Com a aproximação do ano de 1939, consolidava-se no horizonte uma expectativa que, para muitos, parecia ser um fato consumado: a guerra. Alemanha e Itália ignoravam sistematicamente os tratados pós - Primeira Guerra, passando inclusive a integrar a intervenção na Guerra Civil Espanhola (1936-1939); assim como o projeto nazista de “espaço vital” (*Lebensraum*) havia atingido um novo e alarmante patamar com a invasão e anexação da Áustria em março de 1938<sup>II</sup>.

Diante desse cenário, o Hemisfério Ocidental, liderado pelos Estados Unidos, acelerava as mobilizações a fim de garantir um ambiente de solidariedade e cooperação continental frente as obscuras perspectivas que beiravam a concretização. Entre estes movimentos, destaca-se a Conferência Interamericana, ocorrida em dezembro de 1938, realizada em Lima, Peru. O clima do encontro nem de longe poderia ser caracterizado como ameno. A administração estadunidense externava suas preocupações com a presença cada vez mais expressiva do Eixo na América Latina<sup>III</sup>. Nações como o Brasil consistiam em um retrato bem definido de tais apreensões, uma vez que para além da forte presença da comunidade germânica ao sul do seu território, ampliavam-se os acordos econômicos entre o governo estadonovista de Getúlio Vargas junto a Alemanha, esta última interessada na abundância de matérias primas produzidas em solo brasileiro<sup>IV</sup>.

Em termos gerais, a Conferência foi utilizada como instrumento de consolidação e ampliação dos acordos já estabelecidos anos antes, na Conferência Interamericana de Consolidação da Paz de 1936, ocorrida em Buenos Aires. No campo cultural, 36 resoluções foram propostas, com o objetivo de promover a cooperação em quase todos os campos de atividade intelectual. Foi dedicada atenção especial a questões como a dos intercâmbios educacionais, mesmo que um outro acordo relacionado a esse espectro, a *Convenção para a Promoção das Relações Culturais Interamericanas*, chancelado em 1936, ainda encontrava dificuldades de sair do papel.

De acordo com Espinosa, um aspecto de destaque que reforçava acordos anteriores — e que constitui o foco deste artigo — eram as iniciativas voltadas para ampliar a circulação de livros e publicações. Os países foram incentivados a intensificar investimentos em importação e exportação de livros, promover o intercâmbio de bibliotecas, revisar livros didáticos, estimular traduções e adotar outras medidas nesse sentido.

Diante desse cenário de tensões globais e da reconfiguração e aceleração da Política da Boa Vizinhança, materializada em investimentos no campo das relações culturais, este trabalho tem como objetivo discutir a diplomacia do livro estabelecida entre Brasil e Estados Unidos durante o período de emergência da Segunda Guerra Mundial. Em particular, analisaremos a execução de projetos como a Exposição do Livro Norte-Americano Moderno, realizada no Rio de Janeiro em setembro de 1939; a doação de livros estadunidenses à biblioteca do Instituto Brasil-Estados Unidos, em outubro do mesmo ano; e a Exposição de Livros Brasileiros, realizada em Nova Iorque. Esses eventos integram uma complexa e diversificada engrenagem em que a diplomacia interamericana da Boa Vizinhança transita entre o diálogo com projetos nacionalistas brasileiros, a intensificação dos investimentos promovidos pela diplomacia cultural estadunidense e as preocupações crescentes com a escala do conflito que, até então, se concentrava no outro lado do Atlântico.

FONTES, T. E.

**Doações, exposições e a diplomacia do livro.**

É notório que o Instituto Brasil-Estados Unidos recebeu com entusiasmo a doação de 2 mil livros estadunidenses para compor a biblioteca de sua nova sede, inaugurada em outubro de 1939<sup>V</sup>. Aquele ano, inclusive, havia sido marcado por uma virada nas atividades do Instituto, a medida em que, por meio de negociações intermediadas pela Embaixada dos Estados Unidos, um grupo de empresas estadunidenses haviam se tornado sócios beneméritos, colaborando com uma quantia mensal. Com esta nova fonte de arrecadação, o Instituto respirava aliviado após ameaçar fechar as portas.

Os livros doados ao IBEU, antes de serem incorporados ao seu acervo, haviam sido transportados para o Brasil a fim de serem exibidas na *Exposição do livro moderno norte-americano*, ocorrida na Biblioteca Nacional durante o mês de agosto daquele ano. A doação foi concretizada por meio de um acordo entre o Instituto Nacional do Livro, a Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, somado ao apoio direto do próprio Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema<sup>VI</sup>.

Naquele momento, a chegada das obras simbolizava a consolidação de um dos objetivos mais caros do Instituto: a formação da biblioteca com obras representativas da cultura e do ideário estadunidense. Fundado em 1937, o IBEU havia sido criado sob influência direta dos tratados estabelecidos na Conferência de Buenos Aires<sup>VII</sup>. A priori, havia-se uma expectativa do Instituto capitanear alguns desses acordos culturais, sendo este um interesse apadrinhado por figuras proeminentes da diplomacia cultural estadunidense, a exemplo de Samuel Guy Inman e Stephen Duggan, mas que não fluiu com a celeridade esperada, muito pelo contrário. Entretanto, a chegada dos novos livros parecia ser mais um sinal positivo para o futuro da organização.

Os livros foram acomodados nas instalações recém-inauguradas, juntamente com o acervo modesto já existente. A coleção também foi submetida a um processo de fichamento e catalogação sob a direção da bibliotecária Heloísa Werneck<sup>VIII</sup>, funcionária da Biblioteca Nacional cedida para essas atividades. Essa parceria também permitiu a organização do regulamento para consultas e empréstimos destinados a sócios e não-sócios<sup>IX</sup>.

O projeto da biblioteca voltada tanto para consulta do público geral, como para empréstimos, era um dos objetivos basilares do IBEU em paralelo à promoção de intercâmbios educacionais. Estes objetivos eram, inclusive, mais um reflexo das resoluções que haviam sido chanceladas na Conferência de Buenos Aires, que incluíam tópicos específicos destinados aos intercâmbios de publicações e formação de bibliotecas e/ou salas de leitura especiais dedicadas aos países participantes<sup>X</sup>.

Na esfera das publicações, as resoluções realizadas em 1936 seguiram o mesmo padrão da *Convenção para a Manutenção da Paz*, dedicada a intercâmbios educacionais<sup>XI</sup>. Estabeleciam propostas pertinentes, mas demasiadamente ambiciosas e de difícil execução. A *Convenção de Intercâmbio de Publicação*, por exemplo, previa o estabelecimento, nas bibliotecas nacionais ou oficiais das capitais dos países signatários, uma seção dedicada a cada um dos demais estados participantes, com o objetivo de promover a compreensão mútua. Para isso, cada governo se comprometeria a fornecer uma coleção de obras representativas do pensamento de seus intelectuais e cientistas aos demais países. Caberia também aos governos o envio de dois exemplares de todas as publicações oficiais e correlatas<sup>XII</sup>.

A complexidade dessa resolução é expressa pela Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado. Em um dos primeiros relatórios elaborados pelo setor, o *Outline tentative program*, publicado em março de 1939, no qual traça algumas perspectivas de projetos a serem desenvolvidos, na seção dedicada a “Bibliotecas, Livros e Traduções”, os

“PEDE-SE TOCAR NOS LIVROS”: DIPLOMACIA DO LIVRO E RELAÇÕES  
INTERAMERICANAS (1938 – 1940)

FONTES, T. E.

formuladores do projeto apontavam que apesar da “boa vontade” da iniciativa privada, não se esperava que o setor agisse de imediato neste empreendimento mais robusto, sendo necessário que a resolução fosse impulsionada por recursos governamentais<sup>XIII</sup>. Logo, aguardavam que esta resolução ainda fosse colocada em votação no Senado.

De forma similar, havia outras recomendações de difícil execução como a de *Estabelecimento de Bibliotecas Americanas Especiais*, voltada a criação de salas de leitura em bibliotecas públicas das capitais das Repúblicas Americanas, dedicadas a jornais, revistas, e periódicos em geral<sup>XIV</sup>. Entre outros pontos, era proposto que os governos signatários deveriam considerar meios para financiar o intercâmbio de jornais e periódicos para essas bibliotecas, com distribuição coordenada pelos Ministérios das Relações Exteriores correspondentes. Acordos com editoras deveriam ser estabelecidos, que como estímulo poderiam receber em contrapartida isenção de taxas e impostos.

Resoluções a parte, apesar dos poucos movimentos em vista a execução direta desses acordos nos anos que se seguiram a Conferência de 1936, isto não quer dizer que o interesse na “diplomacia do livro” estava em suspenso. Ao acompanharmos os casos do Brasil e dos Estados Unidos, verificamos que o desejo na expansão do mercado editorial e na utilização do livro enquanto instrumento de circulação da cultura e da identidade nacional mobilizaram ambos os países. É neste ponto que chegamos ao circuito de exposições e doações de livros que identificamos a partir de 1939.

A realização de exposições de livros não consistia em nenhuma novidade nos anos de 1930. Como salienta Eliana Dutra<sup>XV</sup>, naquele período, as exposições eram um instrumento de circulação de ideias, de cultura, além de trazer consigo uma grande carga simbólica, sobretudo no exterior, de demonstração de “civilidade”. Na capital da república brasileira, diversas exibições eram realizadas por meio de editoras, instituições do campo da cultura letrada, como a ABL, ou organizadas por instituições oficiais. Neste último caso, um rápido exemplo dessas iniciativas que encontramos em jornais de época foi a exposição realizada em 1936 pela Legação Alemã e pelo Partido Nacional Socialista, isto é, o Partido Nazista, a ser realizada na *Livraria Alemã Oficial* situada no centro do Rio de Janeiro<sup>XVI</sup>.

No Brasil, a questão do livro atravessava as primeiras décadas do século XX, tornando-se preocupação de primeira ordem na Era Vargas. Para tanto, logo após a instauração do Estado Novo, em novembro de 1937, foi criado o Instituto Nacional do Livro, em substituição a um tímido projeto anterior denominado Instituto Cayru<sup>XVII</sup>. Com isso, a INL condensava em suas ações o interesse em transformar o livro em instrumento de propaganda, motor para o estabelecimento de uma identidade nacional sólida a partir da circulação de elementos culturais brasileiros de “alto valor”, assim como a utilização do livro enquanto ferramenta diplomática de divulgação da cultura e civilização brasileiras no exterior<sup>XVIII</sup>.

O Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema acompanhava de perto as atividades do INL, que teve por primeiro diretor o escritor Augusto Meyer<sup>XIX</sup>. Eram preocupações fundamentais do Instituto a edição de obras raras de “interesse para a cultura nacional”; a elaboração de iniciativas para promover o aumento, melhorias e barateamento de edição de livros nacionais, assim como medidas para facilitar a importação de livros estrangeiros<sup>XX</sup>. Outra iniciativa cara a Capanema e ao INL estava relacionada a organização e ao auxílio voltado à manutenção de bibliotecas públicas em todo o território nacional.

Com o INL já estabelecido, os primeiros sinais de interesse na divulgação dos livros brasileiros no exterior por meio de exposições podem ser identificados em meados de 1938, vocalizados pelo embaixador brasileiro no Uruguai, Batista Lusardo. Este anunciava o início de uma ação conjunta entre o Ministério das Relações Exteriores, da Justiça e da Educação,

“PEDE-SE TOCAR NOS LIVROS”: DIPLOMACIA DO LIVRO E RELAÇÕES  
INTERAMERICANAS (1938 – 1940)

FONTES, T. E.

para promover uma mostra de livros em Montevidéu, como meio de estimular as relações culturais entre os vizinhos<sup>XXI</sup>.

O que se verifica, no entanto, é que um primeiro acordo estabelecido pelo Instituto Nacional do Livro para a realização de uma exposição de publicações foi realizado junto ao governo estadunidense. Este projeto seria a *Exposição do livro moderno norte-americano*. Não temos como precisar como esta ideia veio a ser tecida, mas suspeitamos que suas tratativas foram iniciadas na já mencionada Conferência de Lima, em 1938. Após o encontro com as nações americanas, que se estendeu até janeiro de 1939, o diretor da Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado, Ben Cherrington, seguiu para uma viagem pela América do Sul. Nesta viagem, o Brasil esteve em seu roteiro de visitas. Seu objetivo principal era estabelecer diálogo junto a autoridades locais e institutos culturais existentes buscando verificar as condições de implementação da Convenção de Buenos Aires<sup>XXII</sup>. Com isso, chama atenção que o projeto de uma eventual Exposição do livro foi inserido, meses depois, no *Outline Tentative Program* formulado pelo DRC.

Além do Rio de Janeiro, era previsto que a *Exposição do livro moderno norte-americano* fosse realizada em Buenos Aires e Montevidéu. A sua estrutura organizacional contava com três frentes. Do lado estadunidense ela estava alicerçada a partir da parceria entre a Divisão de Relações Culturais e um grupo de 32 editoras estadunidenses<sup>XXIII</sup>. A coordenação das atividades foi atribuída a Henry M. Snyder<sup>XXIV</sup>. Experiente representante do mercado das publicações no exterior, Snyder foi selecionado e remunerado pelas próprias editoras estadunidenses para cumprir esta função na América do Sul<sup>XXV</sup>.

Verifica-se que para além de assumir o trabalho de coordenação, Snyder foi enviado ao Sul do Hemisfério Ocidental para realizar negócios. Com isso, o livreiro movimentou-se para a coleta de informações sobre o mercado editorial dos países visitados, realizando apontamentos sobre obras com potencial para tradução, além de realizar mediações e sinalizar aos editores sul-americanos o interesse das editoras estadunidenses na construção de circuitos regulares de compra e venda de livros<sup>XXVI</sup>.

É importante destacar que este tipo de empreendimento era visto, dentro da diplomacia cultural estadunidense, como fundamental para a mudança de percepção que os povos latino-americanos haviam construído sobre os estadunidenses. Como salienta Sadlier<sup>XXVII</sup>, os *policymakers* do Departamento de Estado tinham consciência que um dos itens que compunham a desconfiança dos intelectuais da América Latina junto aos EUA era a crença de que o país norte americano, apesar da sua notável capacidade dos negócios e na indústria, não era afeito aos “assuntos do espírito”, isto é, não possuíam vocação para literatura, artes e assim por diante. Deste modo, o fomento a ampliação da circulação de livros estadunidenses era compreendida como uma das chaves para a ruptura junto a esta imagem.

O terceiro pilar da Exposição era composto por uma comissão a ser instituída pelo país anfitrião. No caso brasileiro, o INL encabeçou a organização do evento em parceria com a Biblioteca Nacional. Logo, na composição da comissão organizadora estiveram presentes Augusto Meyer, Rodolpho Garcia, diretor da Biblioteca Nacional, Manoel Bandeira e Oscar Niemeyer, que esteve responsável pela elaboração da apresentação artística das obras expostas<sup>XXVIII</sup>.

A título de comparação, é interessante verificar que ao contrário das mobilizações vinculadas ao setor público que marcaram a edição brasileira, em Buenos Aires, de acordo com registros estadunidenses, a organização da Exposição foi patrocinada por associações intelectuais locais<sup>XXIX</sup>. A exposição naquela cidade foi realizada nas dependências da *Asociacion Amigos del Arte*, considerada uma das sociedades artísticas de maior destaque na Argentina naquele período.

“PEDE-SE TOCAR NOS LIVROS”: DIPLOMACIA DO LIVRO E RELAÇÕES  
INTERAMERICANAS (1938 – 1940)

FONTES, T. E.

“Pede-se tocar nos livros”

“Ao contrário do que acontece em certâmes dessa natureza, o visitante era convidado a manusear os livros expostos, podendo assim constatar da maneira mais eloquente o notável o progresso a que atingiu a indústria editorial norte-americana”<sup>XXX</sup>.

O salão principal da Biblioteca Nacional encontrava-se lotado para a cerimônia de abertura da *Exposição do livro moderno norte-americano*. Na solenidade, foram registrados discursos de Gustavo Capanema e do Embaixador estadunidense Jefferson Caffery. Este último, para além de expressar sua satisfação com a iniciativa que, na sua análise, apresentava ao público brasileiro “exemplares típicos de livros americanos contemporâneos”, não deixou de despendar elogios a Capanema, “no que se refere a educação popular, levará a produção nacional de livros a um desenvolvimento firme, quantitativa e qualitativamente.”<sup>XXXI</sup>

Para a imprensa, um dos principais destaques da exposição era o simpático slogan “pede-se tocar nos livros”. Impresso em um grande cartaz, fixado no hall de entrada da Biblioteca, o pedido ia na contramão de outras exposições que geralmente solicitavam o oposto, “É obsequio não tocar nas obras expostas”<sup>XXXII</sup>. Na exibição estadunidense, pelo contrário, o “pede-se tocar nos livros” servia como espécie de boas-vindas e buscava estimular a curiosidade do público a ter uma experiência mais próxima com as publicações e, conseqüentemente, com a cultura da nação norte-americana. Este impacto pode ser percebido na matéria de destaque publicada no jornal *Correio da Manhã*, na qual duas grandes fotografias são apresentadas. Do lado esquerdo, o embaixador Jefferson Caffery está diante de uma mesa expositora, folheando atentamente um livro, enquanto do lado direito é apresentado o retrato de uma elegante mulher, com uma estante repleta de livros ao fundo, aparentemente entretida na leitura de uma obra<sup>XXXIII</sup>.

A programação do evento também contou com um circuito de palestras. Na edição brasileira, foram convidados Álvaro Teixeira Soares, com palestra intitulada “Walt Whitman”; Carolina Nabuco, sobre “A mentalidade americana nas letras”; Pedro Calmon, abordando “A América do Norte no romantismo brasileiro”; e Annibal Machado, com fala intitulada “Edgar Allan Poe, o Solitário da América”. Outro ponto de destaque da imprensa foi a visita de Getúlio Vargas<sup>XXXIV</sup>, reforçando a importância do evento para o fortalecimento das relações entre Brasil e Estados Unidos.

Com o desfecho da exposição, seja no Rio de Janeiro, como nas demais capitais pelas quais o projeto passaria, a doação dos livros fazia parte do protocolo, como uma espécie de contrapartida a receptividade do anfitrião. É nesse ponto que o IBEU é designado enquanto instituição responsável pelo recebimento das obras. Nesse sentido, cabe destacar que há registros de que as negociações para desta doação haviam sido iniciadas meses antes, sendo inclusive pauta de discussão entre a Embaixada dos Estados Unidos e a direção da Divisão de Relações Culturais.<sup>XXXV</sup> Nestas comunicações, Charles Thomson, a época vice-presidente do DCR, registra que em julho de 1939, o comitê local estava organizado e teria o poder de decidir qual instituição ou instituições receberiam os livros após o encerramento do evento. O vice-diretor do DRC ainda aponta ter tido notícias do envolvimento do Capitão Radler de Aquino, vice-presidente do IBEU, junto a exposição, e que isto poderia levar ao encaminhamento de parcela das obras doadas ao IBEU.

Um interessante balanço dessas atividades é apresentado por Henry M. Snyder em ocasião da *Conference on inter-american relations in the field of publications and libraries*, realizada entre 29 de novembro a 1º de dezembro de 1939. Organizada pelo DRC em colaboração com várias organizações do âmbito das publicações, entre editoras, livreiros e

“PEDE-SE TOCAR NOS LIVROS”: DIPLOMACIA DO LIVRO E RELAÇÕES  
INTERAMERICANAS (1938 – 1940)

FONTES, T. E.

associações, a conferência é claramente marcada pela eclosão da guerra na Europa, em setembro, e pela necessidade de uma intensificação nos esforços destinados a diplomacia do livro direcionados a América Latina<sup>XXXVI</sup>.

Para tanto, no discurso de abertura do evento, proferido por Henry Grady, secretário assistente do Departamento de Estado, é enfatizado que especialmente após a Conferência de Lima, havia sido estabelecido um compromisso entre as nações americanas de defender a integridade republicana no continente, considerando ataques a uma nação como ataques a todas, com consultas conjuntas para defesa comum. Com a eclosão da guerra em setembro de 1939, essas disposições foram imediatamente acionadas, o que incluía a garantia da permanência e fortalecimento dos acordos comerciais, que na perspectiva de Grady, se entrelaçavam as relações culturais. É notório que a eliminação de barreiras comerciais e a diminuição de impostos sob importação entre os países do continente contribuiria para a ampliação da circulação de itens como livros e publicações em geral.

Na mesma Conferência, Henry Snyder foi convidado a apresentar suas impressões sobre o trabalho que executou na *Exposição do livro moderno norte-americano* numa mesa dedicada a discussões acerca de empreendimentos para facilitação de intercâmbios. Surpreendido com o “interesse incomum” do público sul-americano junto as publicações estadunidenses – uma vez que o aprendizado da língua inglesa não era obrigatório nos países visitados – de acordo com Snyder 50 mil visitantes circularam nas exposições realizadas em Buenos Aires, Rio de Janeiro e Montevideo. Em sua opinião, este formato de evento havia se mostrado eficiente ao despertar o interesse dos países vizinhos na cultura estadunidense. Logo, apontava que “Se conseguirmos manter isto vivo através de uma cooperação sincera e calorosa no futuro, não estará muito distante o tempo em que as duas Américas se aproximarão em pensamento e compreensão.”<sup>XXXVII</sup>

Entre as observações que realizou ao longo das visitas, Snyder chamou atenção para os trabalhos e acordos promissores firmados no Brasil. Nesse sentido o livreiro destacou o papel do setor público, protagonizado pelo Ministério da Educação, na realização de diversos projetos que visavam, principalmente, estimular a produção intelectual interna. Snyder destacou, inclusive, as premiações que o governo vinha concedendo anualmente a “jovens escritores” voltados para a literatura infantil. Provavelmente o estadunidense fazia referência ao concurso realizado pela Comissão Nacional do Livro Infantil, que teve sua primeira edição em 1937<sup>XXXVIII</sup>.

Foi no âmbito da literatura infantil, inclusive, que durante a Exposição o representante estadunidense selou um acordo de tradução diretamente com o Ministro Gustavo Capanema. A obra selecionada foi *A Carnaubeira*<sup>XXXIX</sup> (ou *A Lenda da Carnaubeira*) de Margarida Estrela Duarte e Paulo Werneck, que nas palavras de Snyder, a partir de sua demonstração de interesse em traduzi-la, o Ministro da Educação se apresentou tão interessado em garantir a venda mais ampla possível, que ofertou os direitos do livro por um preço extremamente baixo. A pedido do próprio ministro, a primeira oferta foi realizada à editora *Grosset & Dunlap*<sup>XL</sup>.

Deste modo, a tradução de *A Carnaubeira*, que na versão em inglês recebeu o título *The Story of the Palm Tree*, representou uma importante conquista para o Ministro brasileiro. A primeira edição, de 10 mil exemplares, foi totalmente fabricada no Brasil e vendida a varejo para os EUA no valor de US\$ 1 por exemplar. De acordo com matéria publicada na Revista *Diretrizes* em 1941, *A Carnaubeira* tornou-se um grande sucesso junto ao público infantil nos Estados Unidos, com seus exemplares esgotados, além de sua leitura realizada constantemente em programas de rádio<sup>XLI</sup>.

“PEDE-SE TOCAR NOS LIVROS”: DIPLOMACIA DO LIVRO E RELAÇÕES  
INTERAMERICANAS (1938 – 1940)

FONTES, T. E.

As atividades e os acordos narrados por Snyder ilustram muito bem como a diplomacia do livro era um interesse legítimo dos governos e mercados brasileiro e estadunidense. Em vista aos seus interesses nacionais específicos, ambas as nações tinham no livro um recurso fundamental para alcançar objetivos políticos, culturais e econômicos. É importante mencionarmos novamente o Instituto Brasil Estados Unidos como peça desse tabuleiro, uma vez que a sua estrutura institucional foi moldada sob as promessas da diplomacia cultural interamericana, que o levaram a ser preterido no recebimento dos livros doados pela Exposição. A doação marcou o encerramento de mais uma etapa do projeto, mas não o seu encerramento, pelo contrário.

O governo brasileiro, ainda em 1939, deu início a uma iniciativa muito semelhante, a *Exposição de livros brasileiros*. O evento possuía as mesmas premissas da edição estadunidense. Para além da exposição, um outro propósito consistia na doação dos livros expostos. O primeiro vizinho contemplado foi Montevidéu, no mês de novembro, seguida de Nova Iorque, em fevereiro de 1940.

Em solo estadunidense, a exposição foi incorporada à Feira Mundial de Nova York. Sediada no pavilhão brasileiro projetado por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, a exibição de livros foi organizada pelo Ministério da Educação do Brasil em parceria com o recém-criado Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)<sup>XLII</sup>. Os livros brasileiros levados a exibição, assim como outros impressos, a exemplo de monografias e produções acadêmicas de instituições nacionais renomadas<sup>XLIII</sup>, foram doados ao *Roosevelt Memorial* e a *Rockefeller Foundation*<sup>XLIV</sup>.

O evento de Montevidéu, entretanto, nos chama atenção em vista aos seus resultados. A doação das obras expostas levou a promessa de criação de uma organização para abrigar os livros e servir como elo de fomento as relações entre Uruguai e Brasil<sup>XLV</sup>. Foi por meio desse ato que nasceu o Instituto Cultural Uruguaio- Brasileiro, primeiro instituto binacional que o Itamaraty irá atuar diretamente para o seu desenvolvimento. A instituição foi inaugurada em agosto de 1940, com propostas que incluíam a promoção de cursos de língua portuguesa, história, literatura e geografia brasileira. Além dos cursos, evidentemente a biblioteca consistia em peça fundamental da instituição que veio a integrar tanto as obras ofertadas após a exposição de 1939, como um fluxo contínuo de diversos periódicos brasileiros. Atendendo aos princípios de reciprocidade, em setembro de 1940 foi a vez do Uruguai realizar uma exposição de livros na sede da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, na qual também foi anunciada a criação do Instituto Brasil - Uruguai.

Diante desse encadeamento de ações no campo da diplomacia interamericana, guiadas pelo fluxo das circulações de livros, as negociações brasileiras mostram mais uma vez como os institutos binacionais está conectado a esse processo, sendo estabelecidos enquanto importante alicerce da sua própria política de diplomacia cultura.

### Considerações finais

Ao longo deste artigo, buscamos discutir a importância da diplomacia do livro enquanto uma das vias utilizadas para o fortalecimento das relações interamericanas em um momento de tensões e incertezas motivado pelo início da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939. Deste modo, entre os vários projetos postos em execução neste momento de aceleração da Política da boa vizinhança, três ações específicas; a *Exposição do Livro Norte-Americano Moderno*, realizada no Rio de Janeiro em setembro de 1939; a doação de livros estadunidenses à biblioteca do Instituto Brasil-Estados Unidos, em outubro do mesmo ano; e a *Exposição de Livros Brasileiros*, realizada em Nova Iorque (1940).

“PEDE-SE TOCAR NOS LIVROS”: DIPLOMACIA DO LIVRO E RELAÇÕES  
INTERAMERICANAS (1938 – 1940)

FONTES, T. E.

Ao passo em que apresentamos alguns dos detalhes quanto a montagem desses projetos, destacamos a diversidade dos atores envolvidos, que mesclavam representantes dos setores público e privado. Especialmente quando versamos sobre a *Exposição do Livro Norte-Americano Moderno*, foi possível evidenciar de forma mais nítida como a expansão da circulação de livros envolvia não só o interesse em aproximar brasileiros e estadunidenses, em termos intelectuais, mas visava atender aos interesses comerciais fomentados pelas Editoras. Em paralelo, chama atenção a participação ativa do INL, assim como de figuras proeminentes do cenário político brasileiro, a exemplo ministro Gustavo Capanema, na formulação e execução da diplomacia do livro.

Deste modo, concluímos que, para além dos objetivos mais amplos, ligados a consolidação da aliança hemisférica, protagonizada pelos Estados Unidos, tais iniciativas também eram entrelaçadas por interesses locais. Neste sentido, verificamos que o governo brasileiro fez uso de tais mobilizações para consolidar o seu projeto nacionalista, que tinha como um dos seus pilares, a exportação da imagem no Brasil no exterior como uma nação moderna e composta por uma efervescente produção intelectual.

## Notas

I Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde - COC/ Fiocruz. Possui graduação em História Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe (2010 - 2014) e mestrado em História Comparada pelo PPGHC/UFRJ (2016-2018). Integra o Laboratório de Pesquisa do Mundo Contemporâneo (Contemporaneus/UFRJ/CNPq). E-mail: [talifontes.20@gmail.com](mailto:talifontes.20@gmail.com)

II HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos – O Breve Século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

III ESPINOSA, J. Manuel. **Inter-American Beginnings of U.S. Cultural Diplomacy: 1936-1948**. Department of State, Bureau of Educational and Cultural Affairs, p. 121.

IV RINKE, S.. *Alemanha e Brasil, 1870-1945: uma relação entre espaços*. História, Ciências, Saúde-manguinhos, 21(1), 2014. 299–316

V IBEU. Boletim do IBEU. Ano 3, nº IV. Jan. 1940.

VI IBEU. Boletim do IBEU. Ano 3, nº IV. Jan. 1940.

VII SILVA, TEF. *Pela Reciprocidade E Compreensão Mútua: O Instituto Brasil-Estados Unidos e a Promoção de Intercâmbios Educacionais (1937 – 1940)*. Anais do 18º SNHCT. 2022.

VIII Como apontamos anteriormente, Heloisa Cabral da Rocha Werneck foi uma das contempladas com a *Brazilian Fellowship Program*, tornando-se a primeira bibliotecária brasileira a realizar curso de aperfeiçoamento nos EUA.

IX IBEU. Boletim do IBEU. Ano 3, nº IV. Jan. 1940.

X Apesar da Convenção para a Manutenção da Paz ter recebido maior notoriedade, ao prever a concessão de bolsas de estudos, outros acordos e resoluções foram firmados em Buenos Aires na esfera cultural. Estes previam não só ao fortalecimento dos intercâmbios de publicações e estabelecimento de bibliotecas e salas de leitura especiais, mas investimentos ligados a exposições artísticas, transmissões de rádio, filmes educativos, etc. (ESPINOSA, 1976)

XI Convention for the Promotion of Inter-American Cultural Relations. (1937). *The American Journal of International Law*, 31(2), 68–70. <https://doi.org/10.2307/2213421>

XII UNITED STATES. DEPARTMENT OF STATE. Report of the delegation of the United States of America to the Inter-American Conference for the Maintenance of Peace. Government Printing Office. 1937

XIII UNITED STATES. Department of State. Outline tentative program for the Division of Cultural Relations. Jul. 1939.

XIV Op. Cit, pg. 222.

“PEDE-SE TOCAR NOS LIVROS”: DIPLOMACIA DO LIVRO E RELAÇÕES  
INTERAMERICANAS (1938 – 1940)

FONTES, T. E.

<sup>XV</sup> Freitas Dutra, Eliana. (2012) Projetos editoriais e exposições do livro no espaço latino-americano : intelectuais e trocas culturais : 1930-1940 [en línea]. Primer Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición, 31 de octubre, 1 y 2 de noviembre de 2012, La Plata, Argentina. En Memoria Académica.

<sup>XVI</sup> CORREIO DA MANHÃ. 28 de janeiro de 1936. P. 11.

<sup>XVII</sup> O Instituto Cayrú foi instituído por meio Lei Nº 378, de 13 de janeiro de 1937 que estabelecia a nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Com isso, de acordo com o artigo 44, o setor teria por finalidade organizar e publicar a *Encyclopedia Brasileira*.

<sup>XVIII</sup> Freitas Dutra, Eliana. (2012) Projetos editoriais e exposições do livro no espaço latino-americano : intelectuais e trocas culturais : 1930-1940 [en línea]. Primer Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición, 31 de octubre, 1 y 2 de noviembre de 2012, La Plata, Argentina. En Memoria Académica.

<sup>XIX</sup> Augusto Meyer (1902–1970) foi poeta, ensaísta e crítico literário, sendo o sexto ocupante da Cadeira 13 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 12 de maio de 1960, sucedendo Hélio Lobo e recebido por Alceu Amoroso Lima em 19 de abril de 1961. Nascido em Porto Alegre e falecido no Rio de Janeiro, Meyer além de se destacar no âmbito literário, dirigiu a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul e exerceu funções como adido cultural e professor na Alemanha.

<sup>XX</sup> BRASIL. Decreto-lei nº 93, de 21 de dezembro de 1937. Cria o Instituto Nacional do Livro. In: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-93-21-dezembro-1937-350842-publicacaooriginal-1-pe.html>

<sup>XXI</sup> CORREIO DA MANHÃ. A possível visita do ministro da Fazenda a Montevideo. 6 de setembro de 1938, pg. 2.

<sup>XXII</sup> Op cit., p. 124.

<sup>XXIII</sup> National Committee of the United States of America on International Intellectual Freedom. Preliminary Survey of Inter-American Cultural Activities In the United States, September 25, 1939. New York, 1939.

<sup>XXIV</sup> Proprietário da Henry Snyder & Co, possuía uma reconhecida atuação representante de editoras estadunidenses no Havaí, nas Filipinas e em outros países asiáticos. In: UNITED STATES. Department of State. Outline tentative program for the Division of Cultural Relations. Jul. 1939.

<sup>XXV</sup> National Committee of the United States of America on International Intellectual Freedom. Preliminary Survey of Inter-American Cultural Activities In the United States, September 25, 1939. New York, 1939.

<sup>XXVI</sup> DEPARTMENT OF STATE. Proceeding of the conference on inter-american relations in the field of publications and libraries. In: Department of State Bulletin. VOL. I, Nº 1–27. Jul – Dec. 1939. Pgs 614 – 625.

<sup>XXVII</sup> Sadlier, D. J. Americans all: good neighbor cultural diplomacy in World War II. University of Texas Press. 2012

<sup>XXVIII</sup> JORNAL DO COMMERCIO. Exposição do Livro norte americano moderno. 6 de agosto de 1939, p. 12

<sup>XXIX</sup> National Committee of the United States of America on International Intellectual Freedom. Preliminary Survey of Inter-American Cultural Activities In the United States, September 25, 1939. New York, 1939.

<sup>XXX</sup> REVISTA DO LIVRO. Exposição do livro moderno norte-americano. Ano 1, nº2, set. 1939.

<sup>XXXI</sup> CORREIO DA MANHÃ. Pedese tocar nos livros. 8 de agosto de 1939.

<sup>XXXII</sup> JORNAL DO COMMERCIO. Exposição do Livro norte americano moderno. 6 de agosto de 1939, p. 12

<sup>XXXIII</sup> CORREIO DA MANHÃ. Pedese tocar nos livros. 8 de agosto de 1939.

<sup>XXXIV</sup> REVISTA DO LIVRO. Exposição do livro moderno norte-americano. Ano 1, nº2, set. 1939

<sup>XXXV</sup> Ofício de Charles Thomson a William C. Burdett Jr. 10 de julho 1939. Records of the Department of State Relating to Internal Affairs of Brazil 1930 – 1939. The National Archives and Records Administration. Microfilm Publication M1472, Roll 19.

<sup>XXXVI</sup> DEPARTMENT OF STATE. Proceeding of the conference on inter-american relations in the field of publications and libraries. In: Department of State Bulletin. VOL. I, Nº 1–27. Jul – Dec. 1939. Pgs 614 – 625.

<sup>XXXVII</sup> “If we will but keep this alive by sincere and hearty cooperation in the future, the time is not far distant when the two Americas will be brought closer together in thought and understanding.”. DEPARTMENT OF STATE. Proceeding of the conference on inter-american relations in the field of publications and libraries. In: Department of State Bulletin. VOL. I, Nº 1–27. Jul – Dec. 1939. Pg 620.

<sup>XXXVIII</sup> Cabe registrar que o concurso da CNLI não era necessariamente voltado a jovens escritores, muito pelo contrário. Como destaca Angela de Castro Gomes, o campo da literatura infantil na década de 1930 era habitado por nomes representativos da literatura brasileira. De acordo com a historiadora, havia na intelectualidade daquele período uma mobilização em prol de uma ação educativa mais ampla preocupada com a formação

“PEDE-SE TOCAR NOS LIVROS”: DIPLOMACIA DO LIVRO E RELAÇÕES  
INTERAMERICANAS (1938 – 1940)

FONTES, T. E.

intelectual do público mirim. Para tanto, nomes como Graciliano Ramos e Erico Verissimo estão entre os premiados na primeira edição do concurso (GOMES, 2003).

<sup>XXXIX</sup> No concurso de Literatura Infantil promovido pela Comissão Nacional do Livro, *A Carnaubeira* alcançou a terceira colocação na categoria literatura pré-escolar. In: GOMES, Ângela de Castro. *As aventuras de Tibicuera: literatura infantil, história do Brasil e política cultural na Era Vargas*. Revista Usp, n. 59, p. 116-133, 2003.

<sup>XL</sup> De acordo com Angela de Castro Gomes (2003), havia uma clara preocupação do Capanema em fomentar o gênero infanto juvenil. Há décadas estudiosos no campo da educação já haviam diagnosticado um déficit que abrangia desde o material didático e científico à literatura ficcional. Não é para menos que antes mesmo da criação do Instituto Nacional do Livro, a Comissão Nacional de Literatura Infantil foi instituída em 1936, na qual em sua primeira composição trazia nomes como Manuel Bandeira, José Lins do Rego e Cecília Meireles.

<sup>XLI</sup> REVISTA DIRETRIZES. A lenda da carnaubeira. In: REVISTA DIRETRIZES, Ano IV, Nº 39. Rio de Janeiro, 20 de Março de 1941.

<sup>XLII</sup> A NOITE. O Livro brasileiro no exterior. 5 de abril de 1940, p. 2.

<sup>XLIII</sup> De acordo com o relatório da participação brasileira na Feira, coleções de Arquivos e Memórias dos Institutos Butantan, Juquerí, Assistência Geral a psicopatas, de São Paulo; Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Revista de Biologia e Higiene; Memórias e Monografias do Instituto Oswaldo Cruz; Anais do Museu Nacional, foram algumas das produções acadêmicas exibidas e doadas. VIDAL, A. O Brasil na Feira Mundial de Nova York de 1940: relatório geral, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. 3, 1942, p. 572 – 573.

<sup>XLIV</sup> Op. Cit. P. 573.

<sup>XLV</sup> Freitas Dutra, Eliana. (2012) Projetos editoriais e exposições do livro no espaço latino-americano : intelectuais e trocas culturais : 1930-1940 [en línea]. Primer Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición, 31 de octubre, 1 y 2 de noviembre de 2012, La Plata, Argentina. En Memoria Académica. Disponible en: [http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab\\_eventos/ev.1928/ev.1928.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.1928/ev.1928.pdf)

## Referências Bibliográficas

ESPINOSA, J. Manuel. **Inter-American Beginnings of U.S. Cultural Diplomacy: 1936-1948**. Department of State, Bureau of Educational and Cultural Affairs, p. 121.

FREITAS DUTRA, Eliana. **Projetos editoriais e exposições do livro no espaço latino-americano: intelectuais e trocas culturais: 1930-1940** [en línea]. Primer Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición, 31 de octubre, 1 y 2 de noviembre de 2012, La Plata, Argentina. En Memoria Académica. 2012

GOMES, Ângela de Castro. **As aventuras de Tibicuera: literatura infantil, história do Brasil e política cultural na Era Vargas**. Revista Usp, n. 59, p. 116-133, 2003.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos – O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RINKE, S.. **Alemanha e Brasil, 1870-1945: uma relação entre espaços**. História, Ciências, Saúde-manguinhos, 21(1), 2014. 299–316

SADLER, D. J. **Americans all: good neighbor cultural diplomacy in World War II**. University of Texas Press. 2012

SILVA, TEF. **Pela Reciprocidade E Compreensão Mútua: O Instituto Brasil-Estados Unidos e a Promoção de Intercâmbios Educacionais (1937 – 1940)**. Anais do 18º SNHCT. 2022.

“PEDE-SE TOCAR NOS LIVROS”: DIPLOMACIA DO LIVRO E RELAÇÕES  
INTERAMERICANAS (1938 – 1940)

FONTES, T. E.

---

VIDAL, A. O Brasil na Feira Mundial de Nova York de 1940: relatório geral, Rio de Janeiro:  
**Imprensa Nacional**, vol. 3, 1942, p. 572 – 573.